

ETNICIDADE, CLASSIFICAÇÕES SOCIAIS E LUTAS
POLÍTICASIsabelle Braz P. Da Silva¹

O dossiê *Etnicidade, classificações sociais e lutas políticas* reúne artigos que se referem a temporalidades e espacialidades distintas no contexto latino americano. São reflexões produzidas a partir da experiência social vivida por povos indígenas no México e no Brasil colonial e contemporâneo. Como se verá, seu conjunto traz um feixe de questões, cujas respostas nem sempre são elaboradas a partir de pressupostos comuns. Há diferentes perspectivas que orientam a compreensão sobre a forma como as sociedades indígenas interagem com as sociedades nacionais. Diferenças que são ampliadas pelas particularidades de cada situação em exame, ideologias, cosmologias e sistema culturais.

O artigo de Lígio de Oliveira Maia, “Honras, mercês e prestígio social: a inserção da família indígena Sousa e Castro nas redes de poder do Antigo Regime na capitania do Ceará”, segue o paradigma dos estudos históricos que reconhece e enfatiza as mudanças sociais nas organizações indígenas, segundo percepções e aspirações nativas, impactadas pela convivência e estatutos coloniais. Assim procedendo, explicita o caráter histórico daquela sociedade e também o agenciamento de sua população sobre seu destino. A instituição em exame é o prestígio social, de grande significância para as sociedades pré-coloniais e que encontra ressonância no sistema de vassalagem

português.

O campo das relações interétnicas é também objeto de estudo do artigo “Las dinámicas identitarias étnicas en México”, de Miguel Alberto Bartolomé, este experiente antropólogo e estudioso da América Latina, membro do Grupo de Barbados. Nesse trabalho, Bartolomé dedica-se a investigar relações contemporâneas no México. Detecta a permanência e manifestações de ideologias étnicas em ambiente de culturas em confronto, desvelando o complexo processo de tradução, operado pelos sistemas simbólicos nativos, que confere coerência e inteligibilidade à presença do mundo dos brancos, em seus próprios termos.

O universo simbólico apresenta-se igualmente como esfera de produção de sentido para grupos indígenas no Nordeste do Brasil, segundo os argumentos de Marcos Luciano Lopes Messeder, no artigo “Etnicidade e ritual Tremembé: construção da memória e lógica cultural”. Ao interpretar o significado do ritual do Torém e da bebida que o acompanha, o *mocororó*, o autor evidencia um sistema cultural próprio dos indígenas que se constitui entre memórias, subjetividades e práticas políticas.

Outra nuance relativa a grupos indígenas no Nordeste do Brasil é analisada por Joceny de Deus Pinheiro, no trabalho “Autores de autenticidade: articulação indígena no Ceará”. Ao refletir sobre o Toré,

dança indígena marcadora de fronteira cultural, a autora problematiza os pares opostos continuidade/descontinuidade e permanência/invenção, examinando as implicações epistemológicas e políticas decorrentes das classificações, sob as quais se inscreve a dança.

“Peles braiadas’: apontamentos sobre reconfigurações identitárias no sertão nordestino”, de Alexandre Herbeta, aborda transformações identitárias no sertão alagoano. Tais processos atingem índios, sertanejos e governo, envoltos em uma trama social, cuja constante heterodoxa, são as metamorfoses sociais, das quais nem mesmo o antropólogo-pesquisador escapa. A idéia de mistura é o foco da análise, explorada a partir da categoria *peles braiadas*, expressão da forma de classificação dos Kalankó e elemento central daquela organização social indígena.

Refletir sobre a relação dos povos indígenas com o Estado nacional é o que ocupa Alicia M. Barabas, em “Pensar la autonomia: el municipio para una reorganización etnopolítica y territorial”. Neste estudo, a autora discorre sobre a busca por autonomia política e territorial dos grupos indígenas no México, em particular Oaxaca. Para estes, o Municipio tem-se apresentado como uma possibilidade de construção da autonomia, ainda que, no presente, revista-se de restrições impostas pelo Estado, em suas políticas econômicas, territoriais e exercício do poder.

Relações políticas e de poder também são abordadas no texto de Nilson Almino de Freitas, “O índio, o ‘oportunista’ e o estar no Brasil: tensões, interesses e análise sobre a identidade na mídia e a profissão de antropólogo”. O autor toma como ponto de partida matéria publicada em revista de grande circulação no Brasil, para discutir o conceito de identidade étnica, ideologias e critérios de classificações sociais alusivas ao exercício da profissão de antropólogo, no trato com processos de demarcações territoriais.

As alusões, a lutas políticas sejam com o Estado, sejam com frações da sociedade civil com as quais se relacionam, parecem ser a tônica das relações interétnicas latino americanas, ainda no século XXI.

Nota

- 1 Professora de antropologia da graduação em ciências sociais e pós-graduação em sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Ciências Sociais.